

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DA HORTA



### MANUEL DE ARRIAGA

• "Manuel José de Arriaga Brum da Silveira, de nobre estirpe, nasceu na Horta, na casa da antiga Rua do Arco, que ostenta uma lápide comemorativa do seu nascimento, a 8 de Julho de 1840.

Concluídos com distinção os seus estudos no Liceu da Horta, segue depois para Coimbra, a cursar Direito na velha Universidade, abraçando desde logo o ideal republicano.

Após a implantação da República, foi o Dr. Manuel de Arriaga novamente eleito deputado pelo Funchal, em 1911, sendo também nomeado Reitor da Universidade de Coimbra, pelo interesse que lhe mereceu a reforma dos seus estudos, e, em seguida, foi Procurador Geral da República.

Finalmente, em 24 de Agosto de 1911, foi pela Assembleia Constituinte eleito e proclamado primeiro Presidente da República Portuguesa, justo prémio duma vida inteira de luta e de sacrifícios."

(in Gabriel Baptista Simas, *Oração de Sapiência, I Centenário do Liceu da Horta*, 1952).

• Como Presidente da República, recebeu os participantes no III Congresso Pedagógico em Abril de 1912 aos quais disse "Gostaria de demonstrar, em nome da Nação, a grande esperança que todos vemos desabrochar na alma popular, confiante no início de uma pátria nova redimida pela instrução. Os grandes

mentores, pais espirituais da geração nova, são os professores. Saúdo-vos comovidamente. A pátria confia em vós; a minha soberania é a vossa"

(in António Nóvoa - *O Tempo dos Professores, tese de doutoramento*, 1987



• "Cultivou a poesia, o ensaio e a eloquência. Os seus ensaios, teses e dissertações versam matéria política, social, económica, jurídica, etc., e visam, em geral, "realizar entre os homens os sonhos de beleza, de amor de justiça" (cf. *Harmonias Sociais*). Quanto à poesia - a sua obra propriamente literária, - sofreu influência das ideias e estéticas que convergiram na sua geração, sem chegar, todavia, a vencer o pendor romântico que lhe era natural nem a "ardente fé religiosa" em que formara o espírito na juventude.

Poesia - Além de um opúsculo intitulado *Canto ao Pico*, Horta, 1887, planeou, no final do século, reunir a sua obra poética dos anos 1867 a 1899 em 4 vols., dos quais, porém, só viram a luz os dois primeiros: *Cantos Sagrados*, Lisboa, 1899, e *Irradiações*, Lisboa, 1901. O 3º vol. devia conter poesias dispersas e o 4º o poema *Síntese Suprema* (no género das *epopeias da Humanidade* iniciadas entre nós com a *Visão dos Tempos*, de Teófilo Braga).

Prosa - *Sobre a Unidade da Família Humana* debaixo do ponto de vista económico (dissertação), Lisboa, 1866; *Renovações Históricas* (dissertação), Lisboa, 1878; *Harmonias Sociais*, Coimbra, 1907; *Na Primeira Presidência da República Portuguesa*, 1ª e 2ª ed., Lisboa, 1916".

(in *Eduíno de Jesus, Nota biográfica elaborada para a AAALH*, 1999).



### UM ANO DE REGRESSOS

No princípio, perguntavam-nos para que "servia" a Associação. Estranhámos porque:

- os estatutos indicavam os objectivos
- a mensagem do 1º Boletim - "A cultura de um Tempo de Saudade" - encaminhava um quadro de pensamento
- o programa de actividades mostrava linhas do fazer "concreto".

Passado um ano a dúvida inicial ter-se-á esbatido. Talvez porque se fizeram "coisas" e isso faz pensar.

Descobrimos o orgulho de pertença a uma história centenária. Rica de factos e personalidades. Mobilizadora da curiosidade de organizar o

património de memórias.

Descobrimos que essa história ficará incompleta sem as nossas "estórias". As irreverentes, as sérias, as alegres, as amargas.

Descobrimos, quando estamos com o *outro*, as narrativas de repetições sem repetição. Próprias dos estados de alma desse tempo de "excesso de vida".

Descobrimos uma força inconfessada para uma práxis cívica conciliando duas distâncias - a do tempo e a do lugar.

Descobrimos que a Associação não se esgota nas evocações nostálgicas. Nem se confina a objectivos pré-determinados. A sua essência apela à

reconstrução de significados e à recriação de novas solidariedades.

Por tudo isto talvez nunca teremos a boa resposta enquanto o passado despertar "regressos" ao futuro. Como no "Velho e o Mar" em que tudo era velho excepto o olhar. Esse era *vivo, alegre... da cor do mar*.

Os Antigos Alunos do Liceu da Horta sabem bem, na emoção e na razão, o que Hemingway quis dizer.

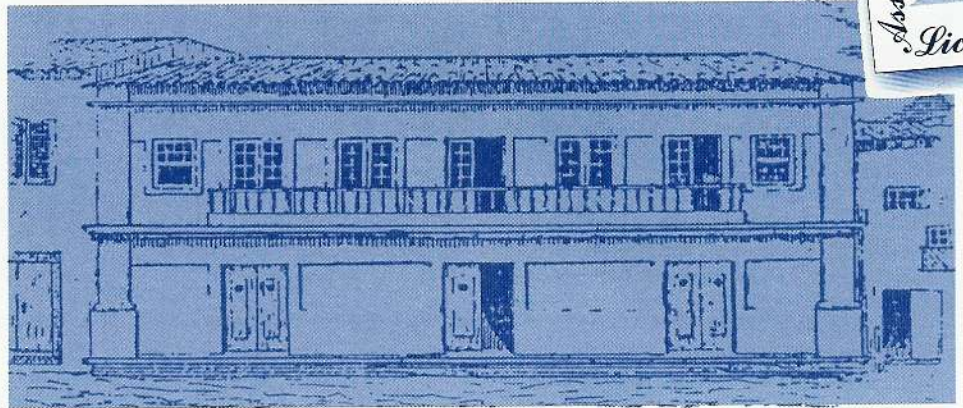
A Direcção



## O LICEU ACTUAL

• O Plano de Actividades da ESMA para 1999 inclui acções sobre "Uma Escola para o sucesso" e o Dia da Diocese no Faial (Janeiro); exposição filatélica, "cross paper", Dia dos Namorados e Encontros Filosóficos (Fevereiro); Dia Mundial do Consumidor, Dia do Pai, "Osterneier", Dia Mundial da Juventude (Março); acção sobre o ambiente, apresentação sobre sismologia, conferências sobre "Da sedução da escrita ao gosto de aprender a pensar" e "O conto infantil (Abril); visita ao Espaço Talassa (Lajes do Pico) e "Dia da Escola" (Maio);

• Assinala-se com grande apreço o reaparecimento do Jornal ARAUTO, coordenado por Alexandre Osório e Paulo Neves.



A casa que serviu de instalação ao primitivo liceu defronte da Igreja do Convento da Glória (onde é actualmente o Largo da República), e que, mesmo depois da sua mudança, ficou por muito tempo conhecida pela designação de "Liceu Velho". No mesmo local se edificou a "Escola Coronel Silva Leaf".

## MANUEL JOSÉ DA SILVA

### UMA PALAVRA DE HOMENAGEM

LUÍS MENEZES

A nota biográfica que aqui se desenvolve a traços rápidos e breves, pretende apenas render homenagem a um homem que esta terra tornou sua, e isto, não porque se ande no encaço da "petite histoire", mas porque se trata de facto de uma personalidade expoente de uma geração formada e amadurecida na primeira experiência democrática em Portugal, e que dedicou uma atenção especial às questões do ensino público e sobre a especificidade do Arquipélago dos Açores.

Manuel José da Silva, nasceu a 19 de Agosto de 1892, em Selmo, Estado da Califórnia. Com dois anos de idade vem residir para S. Miguel Arcanjo, Concelho de S. Roque, Pico, prosseguindo os estudos secundários no Liceu da Horta, que vem a concluir no Liceu Antero de Quental, Ponta Delgada, em 1910.

De seguida, efectua a sua matrícula na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, onde depois de ter obtido transferência para os cursos de filosofia e direito, sai sem ter obtido qualquer grau académico.

Manuel José da Silva, sempre apelidado de doutor, mantinha em Coimbra uma intensa actividade política, destacando-se como líder de diversos movimentos estudantis. De resto, reconhecida a sua intuição política, sai por convite de Coimbra para desempenhar cargos de elevado relevo político na vigência da então I República Democrática (1910-1926), após ter exercido por um curto período o magistério secundário em Lisboa.

Todavia, Manuel José da Silva revela pelo seu percurso político, que as questões relacionadas com a instrução e educação lhe merecem uma atenção particular. Assim é, que apenas com 29 anos já lhe

era confiada a chefia do gabinete do Ministro da Educação, Júlio Martins.

Neste período, merece realce o facto de ter sido um dos principais defensores da criação das Escolas Móveis, um tipo de ensino médio acessível aos menos abastados e, com uma finalidade mais prática que os liceus, e a instituição das Escolas Primárias Superiores, criadas posteriormente por António José de Almeida.

Ainda neste âmbito, já em 1924 por sua iniciativa, é publicado um decreto para a criação da Escola Industrial e Comercial de Angra do Heroísmo e Horta, e empenha-se para que a Escola Agrícola Matos Souto, no Pico, entre em funcionamento regular.

Mas neste periódico dos antigos alunos do Liceu da Horta, é de destacar na vida deste incansável defensor da democraticidade do ensino, a aposta na necessidade da sua descentralização, como processo de consolidação e projecção de um desenvolvimento sustentado do espaço regional e local.

Assim, no ano de 1924, era decretado por iniciativa do governo uma lei que exigia o encerramento dos liceus que não tivessem a cota mínima de 80 alunos, algo inadequado relativamente à escala demográfica das ilhas. Decorria uma filosofia ideológica e imagética da consciência de perifericidade, revertida para uma descentralização administrativa distrital, que não solidária e permissiva à consciência de uma região.

É neste sentido, que então discorre ao tempo o discurso político de Manuel José da Silva, quando o Liceu da Horta contava com os tão poucos e escassos 71 alunos matriculados. Da sua intervenção, ou petição dirigida ao governo, e dado

ser considerado como um conceituado político, amadurecido nas rixas políticas da I República, o Liceu da Horta merecia excepção, e não era encerrado.

Seja permitido apenas acrescentar algo mais sobre esta figura, o que não é indiferente aos actuais clubes com sede na cidade da Horta. É por interferência de Manuel José da Silva, que os três clubes cidadãos adquirem os terrenos para instalação das suas sedes e campos de jogos, e se constitui como o principal impulsionador da fundação da Associação de Futebol da Horta.

Manuel José da Silva, foi de facto um homem de "nervo" no seu tempo, um intransigente na defesa do regime democrático, cujo exemplo do Jornal RESISTÊNCIA, publicado a 1 de janeiro de 1927, portanto, pós 28 de Maio de 26, de que era proprietário e seu principal redactor, pelo teor do editorial, o levou à prisão e obrigou ao seu encerramento.

Depois de preso por diversos anos na Ilha Terceira, Manuel José da Silva vem a falecer na Horta a 7 de Maio de 1935, de cancro no estômago, e não como se diz por qualquer doença contraída na prisão.



Luis Manuel Machado Meneses natural do Faial (Horta); frequentou o Liceu de 68 a 76; licenciado em História; Mestre em História Contemporânea; Director do Museu da Horta; actualmente é Director Regional de Turismo da Região Autónoma dos Açores





# SÓZINHO NO CAIS

FERNANDO MELO

A epopeia dos alunos do Pico marca um dos aspectos mais profundos da História do Liceu. Machado Pires, então Reitor da Universidade dos Açores, disse na nota de abertura de Fragmentos de Memória (1993) "o salto do canal e o trauma do lançamento na cidade da Horta, é o símbolo da grande quebra, do grande início, da experiência com que o estudante adolescente abre a grande rota da vida e a grande prova do seu mundo interior"

Dias antes chegara a notícia da abertura das aulas no liceu da Horta.

Dois anos de espera após a 4ª classe - porque «era muito novo para sair de casa» - e, finalmente, eu ia para o Faial estudar. Por isso, aquela viagem, com regresso a prazo, devia marcar-me a vida e definir o meu futuro.

Em vésperas da partida, parecia-me já sorver o ar da cidade que eu conhecia e que de certo modo me fascinava. E desta vez era para ficar, dias e dias, semanas e meses, até às férias do Natal.

Minha mãe é que andava atarefada a preparar as roupas que ia arrumando na velha mala - uma mala de coiro com fivelas que meu pai trouxera da América. E fazia recomendações:

«Olha, levás estas meias de lã para os dias de frio...»

«Esta 'suera\*' é p'ra vestires à noite por baixo do casaco...»

«Nos dias de chuva calça os sapatos de borra-cha... Olha que o Faial é muito húmido...»

Ainda hoje me comovem estas palavras de ternura que me chegam do passado entre as névoas do tempo!

Despedi-me de meus tios e primos com a leve sensação de quem vai para voltar. Minha avó ficou de lágrima no olho e prometeu rezar ao Senhor Santo António para me dar a luz da inteligência. Minha madrinha encheu-me de conselhos e ofereceu-me um lenço com um F bordado. Mas o que eu mais senti foi o abraço que meu avô me deu, dizendo a sorrir: - «Aproveita p'ra seres um home grande - grande como aquele Pico ...» E ficou de bigode a tremer, tomado de comoção.

Pela manhã seguinte, muito cedo - ainda as estrelas piscavam no céu - entrei com meu pai na camioneta da carreira. Não olhei para trás, para o balcão de casa, para não ver minha mãe chorar... Mas cerrei os dentes, pensei nas coisas bonitas que iria ver na cidade e consolei-me com a ideia de ser um rapaz crescido, estudante do liceu...

Na Horta, andei com meu pai por casas de amigos e conhecidos da família. E todos ofereciam os seus préstimos, caso «eu necessitasse de qualquer coisa...» Era como se eu fosse uma «enco-

menda» preciosa, entregue na cidade com todos os cuidados.

Um dia depois, vim ao cais despedir meu pai - a cara ainda pintada da «festa dos caloiros». Ficámos frente a frente, à beira da «escaleira», entre pessoas, sacos e cabazes. Foi um abraço breve e sem palavras - e eu abalei por ali fora, a correr, até ao gradeamento fronteiro, atrás do qual me escondi a ver a agitação do embarque.

E quando a lancha se afastou do cais e começou a deslizar, baía adiante, na viagem do Pico, as lágrimas rebentaram-me dos olhos e caíram cara abaixo, maiores que pingos de chuva. Qualquer coisa dentro em mim se quebrara, como se um mundo tivesse acabado e outro se esboçasse à minha frente, cheio de interrogações e incertezas... Um mundo que eu teria de enfrentar.

E só em casa - na casa onde ficara hospedado - é que as lágrimas me secaram, sobre as páginas dos livros, ainda para mim desconhecidos.



Fernando Manuel de Melo, natural do Pico (S. João) frequentou o Liceu de 45 a 50 e depois a Escola do Magistério Primário da Horta onde veio a ser Professor de Didática; ocupou cargos de apoio à Educação; desenvolveu grande actividade literária; colaborou nos diferentes meios de comunicação social, destacando-se a função de redactor principal do "Correio da Horta" e do "Telégrafo" e a actividade de produção na RTP-Açores.

# O CARMO E A TRINDADE

RENATO ÁVILA

Na década de sessenta, aí por 1964, passou pelo Liceu da Horta um excelente professor de Ciências Naturais - o Dr. Guerra. Homem austero, com um certo sentido de humor, sabedor e eficiente, mas... de poucas palavras. Ta alvez porque pe egasse uum poo. quinho na fffala!...

A malta gostava do Dr. Guerra e das aulas que sempre dava com muito interesse.

Estava-se em plena crise sísmica que assolou a parte ocidental da ilha de S. Jorge. Os tremores de terra sentiam-se bem no Faial, alguns com bastante intensidade, causando grande alvoroço na população.

No Liceu, as aulas decorriam de porta aberta para o que desse e viesse. Algumas vezes o pessoal saltou mesmo sala fora.

O Dr. Guerra, para acalmar a rapaziada, sacou da geologia e pôs-se a explicar como é que se processava a actividade sísmica. Teoria de placas, vulcanologia, as sempre necessárias regras de segurança... e a sapiência parecia ir neutralizando os temores.

Num desses dias estava ele no calmo e circunspecto desempenho de tão meritória missão quando um safanão mais violento fez oscilar todo o

edifício deitando por terra alguns objectos expostos nas prateleiras.

Espavorida, a malta saltou em tropel porta fora. De nada valeram as recomendações do professor. Nem a ele próprio!

Como que transportado por um extra terrestre, o Dr. Guerra caiu na Reitoria ainda de giz na mão e com a boca aberta, sem poder articular palavra. A intensidade do abalo deverá ter enguiçado qualquer mecanismo do sistema neuro motor do seu maxilar. O Dr. Madruga, homem do Pico tarimbado em sismos e vendavais, procurou minimizar a gravidade da situação mas, como visse o caso mal parado, mandou buscar um copo de água para o colega. Não foi possível bebê-la pois a boca não fechava.

Passados alguns minutos tudo voltava ao normal.

Claro que a rapaziada não perdeu o ensejo de mandar algumas "bocas". O professor, com bonomia e algum humor, sentenciava: "em ciência, nem sempre podemos prever o resultado da experiência!"

Padre Correia, impenitente brinçalhão, encontra o Dr. Guerra no corredor e dispara:

-Então, doutor, afinal que nos pode acontecer se houver um terramoto?...

Por detrás dos óculos, o simpático professor olha-o zombeteiro, esboça um sorriso e, com a maior naturalidade deste mundo, atirou-lhe:

-Ca ca cai-lhe o Ca armo e a Tri indad.e em sss cima!

No cérebro do azogado sacerdote deverá ter perpassado a sistina visão do "Juízo Final" caindo das abóbadas da Matriz porque logo deu às de vila-diogo eclipsando-se num ápice ao fundo do corredor.

Lá com os seus botões, o Dr. Guerra terá murmurado:

"que erem ver que o Se enhor Paadre acccc reditu!"



Renato Macedo Ávila é natural do Pico (S. Mateus); concluiu o 5º ano frequentou a Escola do Magistério da Horta de 63 a 65; leccionou em Coimbra, onde foi professor de Didática da Escola do Magistério desta cidade de 76 a 89; está aposentado.



## A ASSOCIAÇÃO NO FAIAL

- Em 12 de Agosto de 1998 a Associação realizou a sua primeira iniciativa pública - a cerimónia do lançamento na Horta, com o programa seguinte:
  - Assinatura do protocolo com a Escola Secundária Manuel de Arriaga.
  - Jantar-convívio na Estalagem de Stº Cruz participaram 75 antigos alunos).
  - Distribuição do 1º Boletim.
  - Exposição fotográfica de várias gerações de antigos alunos.
  - Exposição sobre o Vulcão dos Capelinhos (organizada pelo Clube de Filatelia da Escola Secundária).
  - Exposição de documentos sobre a história do Liceu.
- O Conselho Directivo da ESMA, em particular a sua presidente, Alda Brito e Melo, prestou uma valiosa colaboração no apoio logístico aos diferentes pontos do programa. Foi ainda essencial o apoio dos

professores da Escola, Ana Gonçalves e Carlos Lobão.

- A criação e os objectivos da AALH foram amplamente divulgados pelo "Telégrafo" e pelo "Correio da Horta", assim como pela Radio "Antena Nove".
- Os CTT além do patrocínio do Boletim garantiram através da Chefe de Distribuição da Estação da Horta, Rosa Nava, o envio gratuito do Boletim às Juntas de Freguesia e outras entidades.
- A colaboração da Estalagem de Stº Cruz foi determinante pelas facilidades concedidas,

destacando-se o entusiasmo de Manuela Lacerda.

- O convívio foi preparado conjuntamente com a Comissão que há largos anos organiza durante a Semana do Mar um jantar de antigos alunos (Judite Salema, Carlos Ramos, João Rodrigues da Silveira, F. Morison e A. Pacheco Alves) garantindo-se uma agradável convergência de objectivos.
- Toda a Direcção da Associação esteve no Faial, assim como o Presidente da Assembleia Geral, Manuel Meirinho.



Assinatura do protocolo entre a Associação e a Escola Secundária de Manuel de Arriaga. Da esquerda para a direita: Aurélio Machado (Vice-Presidente), Zoraida Saldanha (Representante da Associação no Faial), José Maria Duarte (Tescoureiro), Alda Brito e Melo (Presidente do Conselho Directivo da ESMA), Henrique Barreiros (Presidente da Direcção) e Eduardina Rocha (Vogal).

## CONVÍVIOS

- Em 27 de Agosto de 1998 efectuou-se uma recepção aos alunos finalistas da ESMA em visita à EXPO-98.
- Em 7 de Novembro de 1998 teve lugar um almoço-convívio em Coimbra, organizado por Elsa Ávila (natural do Pico-S.Mateus; frequentou o liceu de 51 a 56).  
Além dos 30 antigos alunos, estiveram presentes 3 antigos professores (Maria José Tavares, de Português/Francês, Adriano Faria, de Ciências Naturais e Alfredo Margarido de Português).  
O Dr. Adriano Faria "confessou" que no Faial pela primeira vez andou de barco, patinou, jogou canasta

e vestiu "smoking" (para ir ao Amor da Pátria, claro!). Também ouviu missa na ponta do Pico e foi treinador do Atlético.

- Em 4 de Dezembro de 1998 efectuou-se um convívio destinado aos antigos alunos que se encontram a prosseguir estudos universitários no Continente.
- Em 26 de Fevereiro de 1999 realizou-se, em Lisboa, o jantar comemorativo do 1º aniversário da criação da Associação, na "Padaria Velha", ex-libris da Manutenção Militar. Éramos 144.



Os participantes no convívio no Faial testemunharam o acto de assinatura do protocolo. Na foto o Presidente da Câmara da Horta, Renato Leal, quando rubricava o documento. A seu lado Luis Brito e Melo, professor de Biologia da ESMA, aposentado em 1998.

**CONVÍVIO DO FAIAL - 1999**  
**6 DE AGOSTO**  
**50 ANOS DOS CALOIOS 49-50**

## AGRADECIMENTO

Todos os convívios realizados em Lisboa (finalistas da ESMA, recepção aos estudantes universitários e jantar do aniversário) foram possíveis graças ao apoio de Jaime Manuel Rodrigues Neves, natural do Faial (Horta), que frequentou o liceu de 54 a 62. Como Coronel Director da Manutenção Militar garantiu as instalações e o apoio logístico a estas iniciativas, com um elevado sentido profissional e, naturalmente, um profundo sentimento de açoreano, faialense e antigo aluno do Liceu da Horta.

Contribuiu ainda com o seu apoio a estas iniciativas o Sub-Director da Manutenção Militar, Ten-Coronel Carlos Ávila, natural do Pico (S. Mateus) também antigo aluno do Liceu da Horta (57 a 65).

## IN MEMORIAM

A Elsa Maria da Silva faleceu. Natural do Faial (Lombega), frequentou o Liceu de 54 a 62; Engenheira Agrónoma, era Assessora de Planeamento do Ministério da Agricultura. Esteve connosco desde o início, fundadora da Associação na Assembleia Constituinte de Maio de 1997.

## BASE DE DADOS DA A.A.A.L.H.

Nome; Ano de entrada para o Liceu;  
Morada; Telefone; Profissão/Emprego

Enviar para: Rua dos Navegantes, nº 21  
1200 LISBOA

## PRÉMIO AALH

A Associação instituiu um prémio destinado a galardoar anualmente alunos da Escola Secundária de Manuel de Arriaga que se distingam ao longo do seu percurso escolar do 7º ao 12º anos, procurando-se:

- Criar elos de ligação com a juventude actual;
- Estimular o gosto pelo saber e pelo estudo;
- Valorizar a participação em actividades da Comunidade e a formação integral;

As candidaturas serão apreciadas segundo critérios relativos ao desempenho académico (classificações escolares) e ao curriculum vitae em actividades extralectivas, na Escola e na Comunidade, de qualquer âmbito (literário, artístico, científico, desportivo, político, de solidariedade social ou outro).

Este prémio é patrocinado pelo Montepio Geral e será atribuído pela primeira vez em 1999.

